
APRESENTAÇÃO

Contrariamente a outras subáreas que neste momento já se projetam na Antropologia Social como clássicas, a incorporação da música como objeto de interesse nas Ciências Sociais, pelo menos no Brasil, tem ocorrido de forma lenta. À exceção de alguns estudos pioneiros e esparsos, os estudos musicais na Antropologia começam um tanto tardiamente a se fazerem presentes nos programas de pós-graduação do país, através de seminários específicos, de dissertações e teses defendidas. Se pensarmos que o interesse pelos escrutínios antropológicos sobre as músicas do mundo surgem no final do século XIX, e de que nada menos que figuras como Max Weber e Lévi-Strauss (para citar alguns nomes *en passant*) dedicaram considerável tempo e esforço intelectual a refletirem sobre a natureza do fenômeno musical na cultura ocidental, perceberemos que este é um território fértil para abrigar projetos de forma mais sistemática na antropologia brasileira. Apesar deste retardo, há alguns anos que nos encontros nacionais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e mais recentemente da ABA Mercosul, GTs e mesas redondas vêm avivando a presença da reflexão antropológica sobre o fazer musical, testemunhando espetacularmente a cada edição um número ascensional de estudos etnográficos distribuídos entre comunidades indígenas, rurais e tribos urbanas.

Seja pelas suas tecnicidades, seja pelo seu status de objeto de fruição a tensionar com qualquer projeto de ordem reflexiva, a verdade é que este código expressivo presente em qualquer cultura, histórica ou contemporânea, nos desafia a inquirir vastas áreas da sociabilidade humana sob o prisma de formas de comunicação pouco convencionais nas análises antropológicas. Como o jogo analítico do pesquisador reside no sonoro, na audição, na performance, no estético, na emocionalidade, e como somos pouco familiarizados com o exercício do distanciamento do próprio gosto musical, não é por acaso que driblamos com dificuldade as demandas de uma trama analítica que traduza o código musical segundo categorias do pensamento antropológico e mais dificuldades enfrentamos ainda quando esta trama deve isentar-se da projeção dos parâmetros estéticos do pesquisador sobre os dos pesquisados.

O presente volume tem como objetivo apresentar aos leitores exemplos concretos de algumas abordagens possíveis destes dilemas da interface

músico-sócio-antropológica, dentro do amplo espectro de variações sobre o tema Música e Sociedade. Os textos aqui reunidos provêm de antropólogos-etnomusicólogos atuando em instituições do Brasil, Europa e Estados Unidos, trabalhando ativamente na docência, pesquisa e formação de novos pesquisadores dentro dos princípios éticos de respeito e defesa das alteridades manifestas através da prática musical. Do confronto das reflexões propiciadas por este grupo de ensaios, criados a partir da convivência prolongada de seus autores em seus respectivos campos etnográficos, esperamos que surjam novas e instigadoras linhas de pesquisa a respeito do fazer musical que acompanha a prolífica paisagem sonora contemporânea.

A organização de uma coletânea pressupõe escolhas, recortes que possam dar conta da diversidade epistemológica, empírica e metodológica do campo de estudos em pauta. Entrelaçamento de temas, problemas, métodos e bibliografias serão aqui encontrados ao longo da leitura, ainda que os textos focalizem situações diferenciadas e contemplem cenários tão diversos quanto os que etnografias empreendidas entre culturas musicais da África, Brasil, Espanha, Peru e da “nação” Tukano podem nos oferecer. Dessa mescla esperamos que o leitor possa tirar o melhor proveito, pois escassa é a bibliografia disponível no Brasil que agrupe trabalhos desta natureza. Lembramos que a associação Antropologia/Etnomusicologia institucionaliza-se com toda força nos Estado Unidos pós segunda guerra; graças ao acúmulo intensivo de monografias e artigos gerados nas últimas décadas nos departamentos e programas de Antropologia e Etnomusicologia disseminados naquele país é que se constituiu a base da hegemonia norte-americana na bibliografia internacional da área. Ademais, a bibliografia em língua inglesa conta também, desde a última década, com um considerável reforço da produção acadêmica advinda de países como a Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Índia. Ingressar neste circuito, implica anos de labor intenso em um arco que vai desde o mapeamento de autores, teses e paradigmas transmitidos por várias gerações até o diálogo e redimensionamento de questões de fundo para a área, tarefa que os estudantes brasileiros ainda precisam enfrentar.

Os dilemas da criação científica contemporânea, desencadeados pela crise dos paradigmas nas Humanidades e na Antropologia em particular, repercutiram fundo na Etnomusicologia estadunidense e, conseqüentemente, na disciplina como um todo. Temas como reflexividade, dialogismo, autoridade, representação das alteridades no relato etnográfico passaram a integrar o

universo da teoria e da prática das etnografias musicais e são objeto de discussão no artigo de abertura, de autoria do professor Thomas Turino, da University of Illinois. A fina percepção dos significados da e na prática etnográfica musical, bem como o potencial didático do texto, por nós testemunhado em várias seminários em que o trabalhamos com estudantes de ambas áreas – Música e Antropologia -, pesaram significativamente para sua tradução em português.

Seguindo o feixe de questões teórico-metodológicas suscitadas pelo ensaio de abertura do volume, os textos seguintes focalizam seus desdobramentos em várias combinações das coordenadas gente/tempo/espço/música. Assim, o artigo de Josep Martí (CSIC-Barcelona) vale-se de uma pesquisa tipo *survey* para esquadrihar entre jovens de uma metrópole europeia o uso de suas preferências musicais como estratégia de identidade de gênero, como expressão e ao mesmo tempo recurso de manutenção de relações de gênero.

“Na tentativa de construir uma sensibilidade musical deveras pluralista”, Jorge Carvalho (Universidade de Brasília) dialoga incansavelmente com teorias da música e da cultura contemporânea iluminando a sua reflexão sobre as mudanças na sensibilidade musical no mundo ocidental neste fim de século, através do exame de uma gama de experiências que abarcam desde as tecnologias de gravação/reprodução, a performance, a recepção musical até as subculturas musicais.

Os estudos de etnologia indígena na área da música incluem-se entre os clássicos da literatura etnomusicológica e aparecem aqui representados pela etnografia musical realizada por Acácio Tadeu de C. Piedade (Universidade do Estado de Santa Catarina) entre os *Ye'pâ-masa*, grupo de fala Tukano do noroeste amazônico. O autor revisita o complexo das “flautas sagradas” e da música do ritual masculino conhecido como Jurupari, analisando o plano simbólico/expressivo desta música e os seus nexos com as relações de gênero naquela cultura.

Elizabeth Travassos (Universidade do Rio de Janeiro) toma como campo etnográfico a difícil situação da pesquisa “dentro de casa”; ao escolher o corpo de alunos de uma instituição herdeira do tradicional sistema de “conservatório de música”, para investigar as fronteiras culturais do gosto musical, a autora nos mostra a densa rede de significados que emerge das representações sobre o fazer musical em um setting aparentemente homogêneo.

Por último, a pesquisa de João Soeiro (Universidade Nova de Lisboa) enfoca outro tema candente na literatura etnomusicológica, qual seja o da

construção do estado-nação e de uma identidade nacional através da cooptação política de gêneros e formas expressivas de performance musical, neste caso um gênero coral masculino, a *Makwayela*, de presença maciça e massiva na Moçambique pós-colonial.

Na secção Espaço Aberto, Guilherme Werlang presta uma justa homenagem ao antropólogo Rafael José de Menezes Bastos pelos vinte anos d'*A Musicológica Kamaiurá*, obra única em seu gênero na língua portuguesa, que vem de aparecer em uma segunda edição lançada no corrente ano. Livro pioneiro em sua abordagem etnológica de uma musicologia nativa, o ensaio de Werlang trata de situá-lo no escopo das preocupações intelectuais e estéticas que marcam a trajetória do seu autor pela Antropologia da Música.

Como parte do Noticiário desse número, decidimos incluir também os resumos das teses e dissertações defendidas nos programas de Antropologia Social do país desde 1997 até o presente que tenham escolhido a música como objeto de estudo, reverberando uma vez mais os intentos didáticos que alimentaram este volume. Agradecemos às pessoas e às instituições que gentilmente atenderam ao nosso pedido, enviando prontamente as informações que solicitamos.

Sob uma rubrica alargada – Música e Sociedade – esperamos que a *Horizontes Antropológicos* 11 seja de utilidade sobretudo para os pesquisadores iniciantes ou interessados em iniciar-se nas artes de uma antropologia sônica, do sonoro, do musical. Somos imensamente gratos pelo incentivo que recebemos em várias ocasiões dos colegas do PPGAS/UFRGS para que este coletivo se concretizasse.

Em nossa capa, pensamos assinalar pelas mãos de um Rembrandt pouco conhecido, a aproximação entre oriente e ocidente, entre homem e mulher, propiciada pela performance musical em um cenário doméstico. Com as lentes da cultura barroca flamenga do seiscentos, buscamos invocar a historicidade antropológica das práticas musicais e das indagações que elas nos permitem avançar pelas fronteiras ilimitadas do entrecruzamento do social e do musical.

Maria Elizabeth Lucas